



UC/FPCE_2015

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Expressividade Emocional na Família e Satisfação
Conjugal: como se relacionam?**

Mélisa Emanuella Vicente Martins (e-mail:
melisa_martins@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento
e Aconselhamento, sob a orientação da Professora Doutora Maria
Teresa Sousa Machado.

Agradecimentos

À Professora Doutora Teresa Sousa Machado, pela abertura, pela sabedoria, pela boa disposição, por me orientar por novos caminhos e novos conhecimentos.

À minha Mãe, que me encoraja todos os dias a ser melhor. Que me ensinou que tudo faz sentido quando existe amor e um sorriso no rosto. Por me incentivar e acreditar em mim, a cada passo que dou. Ao meu Pai por me ensinar o valor da persistência e do trabalho. Aos dois pelos esforços que fizeram para que eu seguisse o meu sonho.

Ao meu irmão, por acreditar em mim, sempre. Por me ensinar que a vida de mãos dadas é mais fácil. Por ser a minha melhor parte.

À Rita, por fazer de Coimbra a minha casa. Por todos os conselhos, por todos os abraços, histórias e sonhos partilhados nas madrugadas. Por ser a minha pessoa.

Ao Ivo, por acreditar em mim a cada passo. Por ter feito estes últimos quinze anos mais coloridos e me fazer sonhar cada vez com mais. Por estares sempre perto mesmo quando estás longe.

À Júlia pelas gargalhadas, partilhas e confissões. Por me ensinar que todas as charadas têm solução.

À Inês pela alegria e gargalhada contagiante, pelos novos olhares e troca de ideias.

À Patrícia, pelo companheirismo e partilha ao longo desta aventura. Não podia ter sido melhor.

A todos os participantes neste estudo um muito obrigado pela atenção, pelo calor e me ajudarem a dar mais um passo. À ANIP e à OPSDC pela ajuda e atenção prestada na recolha dos participantes. Sem eles não teria sido possível.

À minha família por serem o meu núcleo duro. Pelo amor, carinho e aprendizagens que me fizeram seguir este trilha.

A todos os outros amigos que me fazem sentir uma sortuda e por estarem sempre presentes. Por todos os mimos e aventuras.

Um muito obrigado a todos por me serem os meus melhores acasos.

Expressividade Emocional na Família e Satisfação Conjugal: como se relacionam?

Resumo

A expressividade emocional é definida como um padrão persistente ou um estilo de exibição verbal ou não-verbal. Está frequentemente relacionada com a emoção e é medida usualmente em termos de frequência, sendo a expressividade familiar referente a um estilo predominante de exibição verbal ou não-verbal dentro da família (Halberstadt, 1995).

A relação conjugal é central no sistema familiar, constituindo-se como um dos principais cenários para o fomento da socialização das crianças tendo impacto na sua maturação sócio-emocional (Wong, McElwain & Halberstadt, 2009).

Neste sentido, o presente estudo pretende avaliar a relação que existe entre a expressividade emocional na família e a satisfação conjugal, de forma a perceber de que modo uma parentalidade positiva tem impacto nos recursos emocionais e psicológicos que podem interferir com o desenvolvimento emocional das crianças. Para isto, recorreu-se a uma amostra de 57 participantes (38.6% beneficia do apoio do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância) analisando-se as relações entre a expressividade emocional positiva ou negativa na família com a satisfação conjugal e o seu impacto em cada uma delas. Conclui-se que a expressividade emocional na família tem impacto no modo como os sujeitos avaliam a sua relação conjugal, sendo que a expressividade emocional positiva na família está associada a uma maior satisfação conjugal e a expressividade emocional negativa associada a estados de satisfação mais negativos.

Palavras-chave: Expressividade emocional na família, satisfação conjugal, socialização das emoções, desenvolvimento emocional.

Emotional Expressiveness in the Family and Marital Satisfaction: how they relate?

Abstract

Emotional expressiveness is defined as a persistent pattern of verbal or nonverbal display style. It is often related to emotion and is usually measured in terms of frequency. The emotional expressiveness in the family refers to a predominant style display which may be verbal or nonverbal within the family (Halberstadt, 1995).

The marital relationship is central in the family system, establishing itself as one of the main scenarios for the development of socialization of children having an impact on their social and emotional maturity (Wong, McElwain & Halberstadt, 2009).

This study aims to assess the relationship between emotional expressiveness in the family and marital satisfaction in order to realize the impact that positive parenting has on emotional and psychological features that can interfere with the emotional development of children. For this, we used a sample of 57 participants (38.6% benefits from the support of the Early Intervention) to analyze the relationship between positive or negative emotional expressiveness in the family with the marital satisfaction and its impact on each. It is concluded that emotional expressiveness in the family has an impact on how individuals evaluate their marital relationship. The positive emotional expressiveness in the family is associated with higher marital satisfaction and negative emotional expressiveness associated with more negative satisfaction states.

Key-Words: Emotional expressiveness, marital satisfaction, emotion socialization, emotional development.

Introdução

“Educating the mind without educating the heart is no education at all”. Aristóteles

As emoções têm um papel fundamental no modo como aprendemos a funcionar cognitivamente no mundo social, influenciando a expressão emocional e a experiência acerca de nós mesmos e dos outros.

A expressividade emocional é um meio de comunicação privilegiado, tendo um papel importante na regulação do comportamento das crianças, na relação das crianças com os seus pares e na satisfação conjugal (Dunsmore & Halberstadt, 1997).

Estudos empíricos demonstram que a expressão emocional está associada a benefícios mentais e físicos na população em geral. Por outro lado, a inibição da expressão emocional está associada a elevados custos psicofisiológicos, cognitivos e sociais (Dunsmore & Halberstadt, 1997). A dificuldade em expressar emoções mais positivas, pautando assim um ambiente familiar mais negativo pode conduzir a uma maior dificuldade na compreensão das emoções, bem como em usá-las eficazmente e conduzir a um pior ajustamento psicológico (Dinis, 2011).

Neste trabalho apresenta-se uma breve revisão dos estudos sobre a expressividade emocional na família e a satisfação conjugal de forma a possibilitar uma melhor compreensão acerca do estudo em causa. De seguida, é apresentado o estudo empírico e toda a sua metodologia culminando na discussão onde estão expostas as conclusões e implicações deste trabalho.

I – Enquadramento teórico

Emoções

Emoções são fenómenos psicológicos e fisiológicos que representam estilos de adaptação ao meio ambiente, baseados em padrões de perceção, experiência, fisiologia, ação e comunicação (Levenson, 1999; Keltner & Gross, 1999).

As emoções são elementos básicos das interações sociais ao longo da vida. Em primeiro lugar, são uma fonte de informação tanto para quem comunica como para quem está a receber a comunicação, determinando o seu significado através da comunicação verbal, facial ou outros canais. Em segundo lugar, as emoções são parte efetiva da interação social, como um processo dinâmico na criação da relação com os outros (Halberstadt, Denham & Dunsmore, 2001).

Enquanto o sistema de *drive* visa regular as condições internas do indivíduo, isto é, colmatar as necessidades básicas como a fome e a sede, as emoções procuram regular a relação do indivíduo com o ambiente externo,

quer seja na aproximação de determinados objetos, pessoas, situações ou para nos afastar deles (Levenson, 1999; Keltner & Gross, 1999). As emoções afetam a atenção, modificam o comportamento e ativam memórias. Fisiologicamente, as emoções ativam respostas biológicas que incluem o tônus muscular, a expressão facial e o tom de voz, aumentando de atividade do sistema nervoso e da atividade endócrina (Dinis, 2011; Levenson, 1999), o que por seu turno, afetam novos comportamentos.

Socialização das emoções

A família é possivelmente o primeiro contexto no qual a criança aprende como as emoções são tipicamente manifestadas, as mensagens que pretendem passar e as diferentes formas de as gerir (Denham, 1998; Eisenberg, 2003). O clima emocional da família afeta a reatividade emocional das crianças assim como a qualidade e segurança nas relações com os diferentes elementos da família (Halberstadt, Crisp, & Eaton, 1999; Eisenberg et al., 2003).

As reações dos pais às emoções das crianças, as suas crenças emocionais, as discussões sobre emoções com as crianças, os estilos de expressividade e a modificação e seleção das situações organizam o comportamento parental nas interações pais-crianças guiando as crianças na sua própria experiência emocional (Denham & Grout, 1992; Halberstadt, Denham & Dunsmore, 2001; Wong, 2009).

A socialização parental das emoções é um processo multidimensional e abrangente, encontrando-se associado às capacidades emocionais com impacto na maturação sócio-emocional e no desenvolvimento de competências de cariz emocional e social (Eisenberg, Cumberland & Spinard, 1998; Palmeira et al., 2010). Os pais influenciam a socialização das emoções através da sua expressão emocional, apesar de nem sempre ser dirigida aos filhos, demonstrando às crianças, através do modelamento, quando é ou não apropriado expressar emoções e como interpretar situações relacionadas com as emoções (Dunsmore & Halberstadt, 1997; Wong, 2009).

A expressividade emocional da família é uma componente crítica dentro do enquadramento familiar sendo considerada como um método indireto da socialização das emoções (Halberstadt, 1986; 1991; Palmeira, 2010).

Dunsmore e Halberstadt (1997) propõem que a expressividade emocional da família afeta a formação dos esquemas das crianças, existindo quatro fatores de moderação, interativos entre si: o padrão típico de expressividade emocional da família; as atribuições da família sobre a expressividade emocional; as características das crianças, nomeadamente o género e o temperamento; e por fim, o contexto cultural em que as família se encontram (Dunsmore & Halberstadt, 1997).

Segundo uma perspetiva sócio comunicativa, a expressividade emocional é encarada como um dos muitos estilos de comunicação que o

indivíduo pode adotar dentro das suas normas sociais e que vai ao encontro dos valores de um grupo social ou comunidade (Halberstadt, 1993).

Expressividade emocional

A expressividade emocional é definida como um padrão persistente ou um estilo de exibição verbal ou não-verbal que frequentemente, mas nem sempre, está relacionada com emoção e é medida usualmente em termos de frequência, sendo a expressividade familiar referente a um estilo predominante de exibição verbal ou não-verbal dentro da família (Halberstadt, 1995).

Para Halberstadt (1991) a expressividade emocional é o resultado da interação entre fatores individuais moderados entre si (fisiológicos, psicológicos, afetivos, motivacionais, cognitivos e de personalidade) e mediadores internos que afetam a expressividade através da interação direta ou indireta entre o indivíduo e os seus contextos (Halberstadt, 1991).

Para Kring e colaboradores (1994) a expressividade emocional difere de outras formas de resposta afetiva: a emocionalidade é definida como uma tendência para mudar de um estado emocional neutro ou positivo para um negativo (Dinis, 2011). O autocontrolo expressivo, ao abrigo do constructo de automonitorização, refere-se à capacidade de monitorizar e controlar o seu comportamento expressivo, verbal e não-verbal, com o objetivo de transmitir impressões socialmente apropriadas (Dinis, 2011).

A expressividade emocional de uma família apresenta variações na frequência e intensidade da manifestação das suas emoções discretas. Cada elemento da família tenta conduzir e influenciar o modo como os outros experienciam as suas emoções, podendo conduzir à supressão, modificação (intencional ou não intencional) ou intensificação das mesmas (Halberstadt & Eaton, 2002).

Outros estudos empíricos colocam em evidência a relação entre a expressividade emocional que um sujeito apresenta em adulto com os estilos de expressividade emocional presentes na sua família durante a sua infância, assim como a compreensão e competências sócio-emocionais (Burrowes & Halberstadt, 1987; Denham & Grout, 1992; Halberstadt, Crisp & Eaton, 1999; Wong, 2009). O ajustamento pessoal, a autoestima e conquistas académicas são, também, influenciadas pelo modo como a família se expressa emocionalmente (Halberstadt, 1999; 2002);

O estudo da expressividade emocional da família e o seu impacto no desenvolvimento das crianças não é recente. Sullivan (1953) com o seu modelo interpessoal explicava que o modo como as crianças expressam e regulam as suas emoções estava diretamente ligado às crenças dos pais acerca das emoções. Assim sendo, a criança desenvolveria o seu *self* evitando desencadear respostas de ansiedade nos pais, construindo-se com base nas reações e expressões emocionais dos pais (Dunsmore & Halberstadt, 1997).

Bowlby defendeu que a expressividade emocional dos pais pode ser vista como um modo de conduzir a criança a um estado de segurança,

evitando ativar medos de abandono, influenciando, deste modo, a construção dos modelos adaptativos (Dunsmore & Halberstadt, 1997).

Malatesta (1990) propõe que os indivíduos definem as suas predisposições emocionais através de enviesamentos emocionais com impacto na perceção, comportamento e processamento da informação. Este enviesamento emocional desenvolvido a partir das interações sociais do dia-a-dia estabelece correspondência e significado entre elas, integrando a personalidade, e a forma como percebe o mundo e escolhe os seus comportamentos sociais (Dunsmore & Halberstadt, 1997).

A expressividade emocional é influenciada pelo género: as mulheres são tendencialmente mais expressivas que os homens (Gross, 2000).

As considerações sobre os estilos de expressividade são baseadas no conjunto de expressões emocionais individuais exibidas ao longo do tempo e de diferentes situações, variando consoante os sentimentos específicos dos indivíduos e as normas do contexto social em que se encontram inseridos, diferenciando-se pela sua frequência, intensidade, duração e valência (positiva ou negativa) (Dunsmore & Halberstadt, 1997; 2005; Halberstadt, 1991).

Tanto a expressão emocional típica como a específica não são independentes uma da outra ou exclusivas, isto é, a expressividade emocional típica de uma família dá à criança um fundo de valências e compreensão a que a criança está acostumada e a expressividade específica representa aspetos particulares de eventos ou comportamentos (Dunsmore & Halberstadt, 2005).

Os estilos de expressividade não representam por si só mais ou menos emotividade, isto é, são mais do que meras observações da sua condição interna uma vez que o indivíduo pode não demonstrar o que sente, ou não sentir o que demonstra (Halberstadt, 1991).

O padrão típico de expressividade emocional de uma família tem impacto no desenvolvimento dos esquemas das crianças de duas formas distintas: por um lado através do estilo típico apresentado, que dá à criança bases para compreender, definir e integrar noções sobre o modo como deve e pode expressar as suas emoções. Por outro lado, os eventos específicos, isto é, não normativos dentro do contexto familiar permitem integrar novos modos de experienciar e expressar as emoções, preparando-a para lidar e interpretar diferentes situações sociais e facilitando a sua adaptação (Dunsmore & Halberstadt, 1997).

O padrão típico de expressividade emocional de uma família não significa que todos os elementos apresentam estilos iguais, isto é, entre os elementos de uma família poderá existir uma variabilidade entre os estilos parentais, a expressividade emocional de uma família pode variar consoante os contextos e, ainda, as famílias poderão apresentar padrões de responsividade diferentes a comportamentos e situações (Dunsmore & Halberstadt, 1997).

As atribuições dadas à expressividade emocional contribuem para a formação dos esquemas intra e interpessoais, relacionando-se com o valor atribuído às emoções e à sua expressão, com crenças sobre a regulação

emocional e expressão emocional, os estados emocionais de base e o uso de poder através da expressividade emocional. (Burrowes & Halberstadt, 1987; Dunsmore & Halberstadt, 1997).

A expressividade emocional típica dos pais é considerada uma componente dos estilos de parentalidade (Dunsmore & Halberstadt, 2005), tipicamente medida por uma de duas formas: (a) através expressividade emocional positiva ou negativa na interação com as crianças ou (b) através do padrão típico de expressividade emocional expresso dentro da família (Eisenberg et. al, 2003).

As características das crianças, nomeadamente o género e o temperamento influenciam a expressividade emocional da família conduzindo os pais a adaptar-se aos seus estilos e criando diferentes expectativas e objetivos emocionais para cada um dos géneros (Eisenberg et al., 2003; Eaton, 2001).

A expressividade emocional negativa ou positiva pode apresentar-se relacionada entre si ou independente, isto é, uma família pode exibir maior expressividade positiva e menor expressividade negativa ou vice-versa, ou apresentar-se baixa ou elevada nas duas valências. As famílias podem também diferenciar a expressão de emoções específicas (Dunsmore & Halberstadt, 1997).

Gross e John (1995) definem a expressividade emocional como o conjunto de mudanças comportamentais (e.g. postura facial, vocal e postural) associada à experiência emocional (e.g. sorrir, franzir o sobrolho, chorar) composta por três facetas: expressividade positiva, expressividade negativa e força dos impulsos emocionais (Gross & John, 1995). Os autores definem a intensidade emocional como a intensidade da resposta emocional perante um determinado padrão emocional experienciado como negativo e de difícil controlo, expressividade emocional negativa como um modo de expressão de emoções negativas como a raiva, medo e nervosismo enquanto a expressividade positiva encontra-se associada à expressão de emoções positivas como a alegria e contentamento (Gross & John, 1995; 2002).

Expressividade emocional positiva é associada à competência social, emotividade positiva, compreensão emocional, comportamentos pró-sociais e autoestima (Halberstadt et al., 1999; Eisenberg et al., 2003). Crianças de famílias que expressam emoções positivas regularmente são mais sociais, mais populares entre os pares e ajustados psicologicamente, sabendo experienciar as emoções de acordo com os contextos com menores níveis de agressão e maior resiliência a situações de *stress* (Dinis, 2011; Dunsmore, 2005; Halberstadt, 1999).

Em determinados aspetos, a expressividade familiar positiva encontra-se associada a uma maior expressividade e identificação de emoções positivas em detrimento de emoções negativas (Dunsmore, 2005; Halberstadt, 1999).

A relação entre o ajustamento da criança e a expressividade emocional negativa por parte dos pais varia consoante o padrão de expressividade emocional presente na família e a medida de ajustamento (Halberstadt et al., 1999; Eisenberg et al., 2003). Hoffman (2000) acredita que a exposição

moderada a emoções negativas, isto é, quando expressas apropriadamente são importantes para a criança compreender as emoções e como as regular (Hoffman, 2000; Eisenberg et al., 2003).

Halberstadt e colaboradores (1999) demonstraram a existência de uma associação positiva, entre a expressividade negativa parental/ familiar e a expressão de emoções negativas da criança, que aumentava com a idade e se tornava mais consistente ao longo do tempo (Dinis, 2011; Eaton, 2001; Halberstadt et al., 1999).

Burrowes & Halberstadt (1987) demonstram que a expressividade e socialização do afeto negativo correlacionam-se com o modo como o indivíduo lida com a expressão de raiva, evidenciando que a expressão emocional não se encontra apenas dependente de características da personalidade ou de características da situação per si, mas que se reporta a experiências que ocorreram no seio da família, durante a sua infância, através da imposição de normas e crenças (Burrowes & Halberstadt, 1987). Neste sentido, crianças que têm uma relação demarcada pela ausência de suporte ou punição, podem apresentar estratégias de *coping* evitantes (Eisenberg et al., 1996; Dinis, 2011).

Um moderado nível de emoções negativas pode ser benéfico para o desenvolvimento emocional da criança, sendo que um nível baixo extremo pode limitar as oportunidades da criança aprender e regular emoções, propiciando uma maior desregulação emocional e menor compreensão dos limites do seu comportamento (Dix, 1991; Dunsmore, 2005; Wong, 2009).

Pais com maiores competências de treino emocional apresentam maior consciência das suas emoções e da dos seus filhos, considerando as emoções importantes e naturais e portanto uma oportunidade de se conectarem emocionalmente, de refletir e ensinar. Em contraste, pais com uma postura de “desaprovação” apresentam uma menor preocupação com a expressão emocional, considerando as emoções como disruptivas e perigosas, encarando a expressão de emoções negativas como um comportamento a extinguir (Dunsmore, 2005; Wong, 2009).

A expressividade emocional parental tem correlações negativas com medidas de experiências emocionais negativas (ansiedade, depressão) e não correlaciona com a deseabilidade social (Halbersadt, 1995; Eisenberg, 2003).

Diferentes tipos de medidas podem ser usados para aceder às emoções: entrevistas, amostras de experiências, instrumentos de relato e autorrelato e medidas fisiológicas (Halberstadt & Parker, 2007). Instrumentos de relato ou autorrelato são ideais para explorar os motivos dos pais e crianças relativamente ao modo como se sentiram (ou não), porque atuaram de determinada forma (ou não) e de que modo os seus comportamentos emocionais refletiam o seu comportamento (Halberstadt & Parker, 2007).

A expressividade emocional de uma família é preditiva de auto-expressividade, mesmo quando é medida através de diferentes métodos ou instrumentos (Burrowes & Halberstadt, 1987; Halberstadt & Eaton, 2002; Halberstadt, Dennis & Hess, 2011).

Satisfação conjugal

A relação conjugal é central no sistema familiar, constituindo-se como um dos principais cenários para o fomento da socialização das crianças (Lopes, 2008; Wong, McElwain & Halberstadt, 2009). Um casamento harmonioso proporciona aos pais um maior suporte emocional e capacidade de desenvolver uma parentalidade positiva, enquanto que elevados níveis de conflito conjugal e ambivalência diminuem os recursos emocionais e psicológicos interferindo com as suas capacidades de resposta às emoções negativas das crianças (Wong, McElwain & Halberstadt, 2009).

A satisfação conjugal refere-se à avaliação pessoal e subjetiva que o casal faz da sua relação diferenciando-se da qualidade que se refere ao desempenho na relação (Silva, 2008). A expressão emocional tem impacto na satisfação conjugal, sendo que as mulheres apresentam maior facilidade na expressão da raiva, amor, felicidade e tristeza e, por conseguinte, maior valorização quando comparada com os homens (Lopes, 2008).

A exposição frequente de conflitos conjugais contribui para o aumento de problemas internalizantes e externalizantes, incluindo a depressão, afastamento, competência social e desempenho académico pobre, bem como dificuldades na regulação emocional e comportamental de todos os elementos da família (Clark & Phares, 2004; Silva, 2008).

Mesmo que em situações de maior conflito conjugal os pais tentem interagir com as suas crianças através de interações positivas, poderá dar-se uma extrapolação de informação, isto é, emoções negativas e interações conjugais podem ser transferidas para a relação pai-criança (Clark & Phares, 2004; Wong, McElwain & Halberstadt, 2009).

Uma maior ambivalência/conflito conjugal encontra-se correlacionada a uma menor socialização das emoções (maior expressividade emocional negativa e reações de maior desamparo) conduzindo a um ambiente familiar mais hostil (Wong, McElwain & Halberstadt, 2009).

A expressividade emocional correlaciona-se positivamente com a satisfação conjugal (Stevens, 2005).

II - Objetivos

Tendo em conta a revisão da literatura previamente apresentada verificou-se fulcral o estudo da expressividade emocional na família aliada ao constructo da satisfação conjugal, numa amostra da população portuguesa.

Neste sentido foram estabelecidas algumas hipóteses.

Espera-se que a expressividade emocional positiva na família se correlacione positivamente com a satisfação conjugal, nas duas dimensões da *Escala de Satisfação em Áreas de Vida Conjugal (EASAVC)*, isto é, o Amor e o Funcionamento do Casal. E que o incremento da expressividade emocional positiva na família seja um preditor para o aumento da satisfação conjugal, nas suas duas dimensões.

Para a expressividade emocional negativa na família, espera-se que exista uma correlação negativa para ambas as dimensões da EASAVC e, portanto, que à medida que esta aumente, a satisfação conjugal diminua.

Relativamente à Satisfação com a Vida espera-se que à medida que esta aumente, a expressividade emocional positiva na família aumente também, refletindo uma maior satisfação conjugal. Por outro lado, espera-se que a expressividade emocional negativa esteja associada negativamente com a satisfação com a vida.

Espera-se que a desejabilidade social não influencie as respostas dos participantes, isto é, que responderam ao protocolo de investigação sem a intenção de manipular ou disfarçar a realidade das suas respostas.

Por último, pretende-se verificar se existem diferenças estatisticamente significativas entre a população e os participantes que beneficiam do apoio do Serviço Nacional de Intervenção Precoce na Infância.

III - Metodologia

Participantes

Tendo em conta os objetivos deste estudo, foi recolhida uma amostra da população portuguesa, sendo esta maioritariamente do concelho de Coimbra, onde existia uma maior facilidade no encontro de famílias com acompanhamento do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI).

As características sociodemográficas encontram-se apresentadas no Quadro 1.

A amostra é constituída por 57 participantes entre os 23 e os 42 anos ($M= 34.05$, $DP= 5.11$), composta maioritariamente pelo sexo feminino (96.4%)¹, sendo que 38.6% beneficia de apoio do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância. Os participantes variam na sua situação laboral (82.5% empregados), estado civil (78.9% casados), anos de escolaridade² (56.4% até 12 anos de escolaridade) e residência³ (60% rural).

Os participantes integram agregados familiares entre 1 e 7 elementos, sendo que 44.6% têm até 3 elementos e 55.4% entre 4 a 7 elementos.

¹ Um sujeito não reportou essa informação.

² Dois sujeitos não reportaram essa informação.

³ Dois sujeitos não reportaram essa informação.

Quadro 1.
Caraterísticas demográficas da amostra: idade, sexo, escolaridade, estado civil, parentesco, situação laboral, residência, agregado familiar.

	Total		Mulheres		Homens	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%
Idade	34.05	5.11	54	96.4%	2	3.6%
	<i>N</i>	%				
Escolaridade						
Até 12 anos	31	56.40%				
Mais de 12 anos	24	43.60%				
Estado Civil						
Solteiro	4	7%				
Casado	45	78.9%				
União de facto	6	10.5%				
Viúvo	102	13.4%				
Divorciado	2	4%				
Situação Laboral						
Empregado	47	82.5%				
Desempregado	10	17.5%				
Residência						
Rural	22	40%				
Urbana	33	60%				
Agregado familiar						
1 a 3 elementos	25	44.6%				
3 a 7 elementos	31	55.4%				
Intervenção Precoce						
Sim	22	38.6%				
Não	35	61.4%				

Procedimento

Procedimento metodológico

Foi explicado a cada um dos participantes o objetivo desta investigação, ressaltando a confidencialidade das respostas e a importância da sua participação. Posto isto e aceitando participar no estudo foi entregue o protocolo de investigação em formato de papel.

De forma a recolher informação junto de famílias acompanhadas pelo SNIPI, foi pedida autorização e colaboração à Associação Nacional de Intervenção Precoce e à Subcomissão de Coordenação Regional do Centro do SNIPI.

No protocolo constava uma breve descrição do estudo assim como o consentimento informado e dados sociodemográficos. O preenchimento total do protocolo demorava cerca de 30 minutos. O critério de inclusão definido baseava-se no facto de o respondente constituir uma figura maternal ou paternal para crianças entre os zero e os seis anos.

Instrumentos

O *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire* (SEFQ; Halberstadt, 1995) é uma medida de autorrelato que tem como objetivo medir a expressividade individual dentro do contexto familiar. É solicitado ao sujeito que classifique a frequência que ocorre cada um dos cenários no seio da sua família numa escala de Likert que varia entre 1 (“nada frequente na minha família”) e 9 “muito frequente na minha família”).

O SEFQ é uma variação do Questionário de Expressividade Familiar (QEF; Halberstadt, 1986; tradução e adaptação de Dinis, Pinto Gouveia, & Xavier, 2010) que inclui itens relacionados com a expressividade verbal e não-verbal, composto por quarenta cenários afetivos nos quais é esperado que se expresse emoções positivas e/ou negativas. O questionário é composto por duas dimensões, a *valência do afeto* (negativo ou positivo) e a *intensidade da expressão* (dominante e submisso) (Dinis, Pinto Gouveia, & Xavier, 2010).

Na presente investigação foi utilizada a versão reduzida do SEFQ que retém apenas a dimensão da valência do afeto, com 12 itens para cada das subescalas (positiva e negativa). Os alfas são de .88, .82 e .83 para as escalas positiva, negativa e total, respetivamente. Os valores de correlação com a versão longa do SEFQ foram de .95, .95 e .96 para as escalas positiva, negativa e total (Halberstadt, 1995).

A *Escala de Avaliação de Satisfação em Áreas da Vida Conjugal* (EASAVC; Narciso & Costa, 1996) é um instrumento de autoavaliação que tem por objetivo avaliar a satisfação dos elementos do casal em relação à sua satisfação nas diferentes áreas da vida conjugal (Narciso & Costa, 1996). Este instrumento tem como pressuposto que a satisfação conjugal resulta de uma reflexão pessoal e subjetiva, não podendo ser avaliada por critérios externos. A EASAVC é constituída por 44 itens que se reportam a diferentes componentes da satisfação conjugal, apresentando uma estrutura bifatorial, em que o fator 1 agrupa os itens relativos à dimensão amor e o fator 2 agrupa os itens relativos à dimensão funcionamento conjugal. Do total dos itens, 16 têm como foco o casal, 14 focam-se no inquirido e 14 no cônjuge (Narciso & Costa, 1996). Organiza-se no formato Likert de 6 pontos, em que o sujeito avalia a sua satisfação entre “*Nada Satisfeito* (1) e *Completamente Satisfeito* (6) para cada um dos itens. A sua versão original (Narciso & Costa, 1996) reporta fortes índices de consistência e precisão, apresentando *alfas* de *Cronbach* superiores a .90, nomeadamente .97 na dimensão do amor e .90 na dimensão do funcionamento.

O *Eysenck Personality Questionnaire - Revised* (EPQ-R; Questionário de Personalidade de Eysenck- Forma Revista; versão portuguesa, Almiro & Simões, 2013) avalia as três dimensões fundamentais da personalidade: Psicoticismo, Neuroticismo e Extroversão e incluindo, também, a escala de desejabilidade social. A aplicação do EPQ-R pode ser realizada de forma individual ou coletiva, tratando-se de um questionário de autorresposta com um tempo médio de administração de 10 a 15 minutos.

Para cada item o sujeito deverá assinalar “*Sim*” ou “*Não*”, “de acordo com a sua maneira habitual de ser, pensar e sentir” (Almiro & Simões, 2013).

A *Escala de Ansiedade, Depressão e Stress de 21 itens* (EADS-21, Lovibond & Lovibond, 1995; Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004) é a forma abreviada da EADS-42. Os 21 itens da escala dividem-se de forma equivalente pelas três dimensões/subescalas: Ansiedade, Depressão e Stress. Os sujeitos respondem às afirmações numa escala tipo Likert de 4 pontos (0 – “*não se aplicou nada a mim*” a 3 – “*aplicou-se a mim a maior parte das vezes*”) tendo como referência temporal a semana anterior. Cada item remete para sintomas emocionais de índole negativa através das suas afirmações.

Na versão portuguesa da escala, os autores (Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004) reportam alfas de Cronbach de .85 para a escala de depressão, de .74 para a de ansiedade e de 0,81 para a de stress.

A *Escala de Satisfação com a Vida* (Satisfaction With Life Scale; Diener, Emmons, Larsen, Griffin 1985; Neto, 2003) é uma medida subjetiva da satisfação com a vida. É um instrumento de autorresposta, composto por 5 itens numa escala de resposta de tipo Likert com 7 itens, desde 1 – *Totalmente em desacordo* até 7 – *Totalmente de acordo*. Os resultados variam assim entre um mínimo de 7 (baixa satisfação) e um máximo de 35 (grande satisfação), sendo que quanto maior o resultado maior a satisfação com a vida. No estudo de Diener e colaboradores (1985) a consistência interna da escala foi de .87, tendo emergido apenas um fator que explicou 66% da variância. Neto, Barros e Barros (1990) validaram a SWLS, obtendo na consistência interna um alfa de .78 e extraíndo um fator que explicou 53.1% da variância.

Procedimento estatístico

A análise de dados foi elaborada com recurso ao *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences* – versão 22.0; SPSS Inc., Chicago, IL).

Inicialmente foram calculadas várias estatísticas descritas como médias, desvios-padrão e medidas de dispersão.

Posteriormente foram realizadas análises das relações entre as variáveis, isto é, correlações, correlações parciais e regressões lineares.

As correlações têm por objetivo explorar e detetar a relação entre as variáveis, isto é, a sua magnitude e direção. Foram realizadas análises preliminares para assegurar a inviolabilidade dos pressupostos relativos à normalidade, linearidade e homocedasticidade. De forma a interpretar a correlação entre as variáveis foram calculados os Coeficientes de Determinação (r^2) que refletem a percentagem de variância que estas têm em comum assim como o Coeficiente de Correlação de *Pearson* sendo que foram considerados os valores propostos por Cohen (1998) em que resultados inferiores a .1 são considerados triviais, entre .1 e .3 são baixos, entre .3 e .5 são moderados e, superiores a .5 são fortes (Cohen, 1998).

De seguida, foram realizadas correlações parciais que permitem controlar a influência de uma terceira variável, isto é, anular estatisticamente

a sua contaminação. Esta análise foi usada especificamente para a variável referente à desejabilidade social, utilizando os métodos de interpretação iguais para as correlações, descritas acima (Pestana & Gageiro, 2005).

Por último, foram realizadas estatísticas de regressão com o objetivo de verificar a existência de uma relação entre uma variável dependente com uma ou mais variáveis independentes, isto é, tentar explicar a variação entre elas e o valor preditivo entre as mesmas (Pestana & Gageiro, 2005).

Adicionalmente, foi analisada a consistência interna e fiabilidade dos instrumentos utilizados através do *Alfa de Cronbach*. Este coeficiente indica a eficácia de um instrumento de medida, isto é, se avalia as variáveis que considera, sendo que segundo Pestana e Gageiro (2005), valores de alfa inferiores a .6 são intoleráveis; entre .6 e .7 são fracos; entre .7 e .8 são razoáveis; entre .8 e .9 bons; e superiores a .9 muito bons.

IV - Resultados

1. Correlações e correlações parciais

A relação entre as dimensões do EASAVC, isto é, o *Amor* e o *Funcionamento do Casal* e as dimensões do SEFQ, *Expressividade Emocional na Família Positiva e Negativa* são estatisticamente significativas apresentando correlações de moderadas a fortes, segundo os valores postulados por Cohen (1998).

Calculou-se, também, a correlação parcial para analisar a relação existente entre as dimensões da SEFQ, isto é a expressividade emocional positiva e negativa na família, e as dimensões da EASAVC, amor e funcionamento do casal, controlando os resultados através da Desejabilidade Social do instrumento EPQ-R (Almiro & Simões, 2010).

A Expressividade Emocional Positiva na Família apresenta uma relação positiva forte com as duas dimensões da EASAVC, sendo que o *Funcionamento do Casal* ajuda a explicar 38% da sua variância ($r^2 = .38$) e o *Amor*, 35% da variância ($r^2 = .35$). Confrontando estes valores com os resultantes da correlação parcial, pode-se afirmar que a desejabilidade social teve um efeito muito pequeno na força da relação entre as dimensões descritas acima ($r = .01$ para a dimensão *Amor* e $r = .01$ para a dimensão *Funcionamento do Casal*).

A Expressividade Emocional na Família Negativa apresenta uma relação negativa moderada com as duas dimensões da EASAVC, isto é, elevados níveis de expressividade emocional negativa na família estão associados a menores níveis de satisfação conjugal. A dimensão do *Funcionamento do Casal* ajuda a explicar 16% da variância ao nível da expressividade emocional negativa na família ($r^2 = .16$) e a dimensão do *Amor* ajuda a explicar 13%. Confrontando estes valores com os resultantes da correlação parcial, pode-se afirmar que a desejabilidade social teve um efeito muito pequeno na força da relação entre as dimensões descritas acima ($r = -.03$ para a dimensão *Amor* e $r = -.05$ para a dimensão *Funcionamento do Casal*).

A Satisfação com a Vida apresenta, nesta amostra, uma correlação estatisticamente significativa com as escalas SEFQ e EASAVC, sendo mais relevante com a última. A Satisfação com a vida apresenta correlações de fortes a muito fortes com as duas dimensões da EASAVC, sendo que ajuda a explicar 59% da variabilidade ao nível do *Amor* ($r^2 = .59$) e 30% da variância ao nível do *Funcionamento do Casal* ($r^2 = .29$). Relativamente à SEFQ, a satisfação com a vida apresenta uma relação moderada negativa com a expressividade emocional negativa na família, sendo que ajuda a explicar 13% da sua variabilidade ($r^2 = .12$), indicando que à medida que os níveis de satisfação com a vida aumentam, os níveis de expressividade emocional negativa da família decrescem.

Por último, destacamos as relações entre o tamanho do agregado familiar e as diferentes dimensões das escalas EASAVC e a SEFQ uma vez que são estatisticamente significativas com correlações de fracas a moderadas. O tamanho do agregado familiar explica 8% da variabilidade da dimensão *Amor* ($r^2 = .084$) apresentando uma correlação positiva. Por outro lado, apresenta uma relação negativa com o *Funcionamento do casal*, explicando 11% da variância ($r^2 = .011$). Para esta amostra pode-se dizer que à medida que o número de elementos do agregado familiar aumenta, o funcionamento do casal decresce. Para a escala SEFQ, o número de elementos do agregado familiar explica apenas 3% da variabilidade da expressividade emocional negativa da família (cf. Quadro 2).

Quadro 2.

Matriz de correlações de Pearson

	Idade	EST_CIV	AGR_FM	SIT_LAB	RES	ESC	IP	AMOR	FUNC_CAS	EEF_POS	EEF_NEG	SWLS
Idade	1											
EST_CIV	-.122	1										
AGR_FM	.340*	.298*	1									
SIT_LAB	.041	.117	.137	1								
RES	.106	-.157	-.174	.096	1							
ESC	.279*	.020	-.187	.035	.074	1						
IP	.037	-.107	-.176	-.392**	.260	.163	1					
AMOR	-.027	.139	.291*	-.162	.246	.314*	.136	1				
FUNC_CAS	-.128	.006	-.336*	-.263	.252	.281	.199	.835**	1			
EEF_POS	-.187	-.104	-.192	-.236	.248	.238	.068	.593**	.617**	1		
EEF_NEG	-.118	.023	.088	-.162	.246	-.013	-.022	-.354*	-.402**	.175	1	
SWLS	.013	.176	-.254	.043	.102	.208	.047	.771**	.544**	.262	-.354*	1

2. Regressões lineares

Foi calculada uma regressão linear para determinar o efeito da dimensão *Amor* na Expressividade Emocional Positiva na Família. Constatou-se que a um aumento na dimensão Amor corresponde a um incremento de .045 na expressividade emocional positiva na família. O valor de $F_{(1, 49)} = 26.035$ tem uma probabilidade associada de $p < .001$, mostrando

que é pouco provável que os resultados tenham surgido devido a um erro amostral.

A análise da regressão entre a dimensão Amor e a expressividade emocional negativa apresenta-se de forma negativa, sendo que a um aumento do Amor está associada uma diminuição da expressividade emocional negativa de $-.021$. O valor de $F_{(1,49)} = 6.861$ tem uma probabilidade associada a $p < .001$, mostrando que é pouco provável que os resultados tenham surgido devido a um erro amostral (cf. Quadro 3).

Quadro 3.
Regressões lineares: Expressividade Emocional na Família e a Dimensão Amor

Expressividade emocional na família	Satisfação Conjugal						
	Adjusted R Square	df	F	Sig.	B	t	Sig.
Positiva	.338	1	26.035	.000	.045	5.102	.000
Negativa	.107	1	6.861	.012	-.021	-2.619	.000

Para a dimensão *Funcionamento do Casal* foram também calculadas regressões lineares com a Expressividade Emocional na Família, positiva e negativa.

Foi calculada uma regressão linear para determinar o efeito da dimensão Funcionamento do Casal Expressividade Emocional Positiva na Família. Constatou-se que a um aumento na dimensão Funcionamento do Casal corresponde a um incremento de $.066$ na expressividade emocional positiva na família. O valor de $F_{(1, 49)} = 30.062$ tem uma probabilidade associada de $p < .00$, mostrando que é pouco provável que os resultados tenham surgido devido a um erro amostral.

A análise da regressão entre a dimensão funcionamento do casal e a expressividade emocional negativa apresenta-se de forma negativa, sendo que a um aumento do funcionamento do casal está associada uma diminuição da expressividade emocional negativa de $-.033$. O valor de $F_{(1,49)} = 9.444$ tem uma probabilidade associada a $p < .005$, mostrando que é pouco provável que os resultados tenham surgido devido a um erro amostral (cf. Quadro 4).

Quadro 4.

Regressões lineares: Expressividade Emocional na Família e a dimensão Funcionamento do Casal

Expressividade emocional na família	Satisfação Conjugal						
	Funcionamento do casal						
	Adjusted R Square	Df	F	Sig.	B	t	Sig.
Positiva	.368	1	30.062	.000	.066	5.483	.000
Negativa	.144	1	9.444	.003	-.033	-3.073	.003

3. Consistência interna

Para a escala *Expressividade Emocional na Família (SEFQ)* o alfa de Cronbach apresentou-se com boa consistência interna, com um valor de .84.

A *Escala de Avaliação de Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVC)* apresentou-se como um instrumento fiável, com um alfa de Cronbach de .98, apresentando-se como um valor muito bom.

V - Discussão

O desenvolvimento emocional decorre do desenvolvimento total do organismo, através da moderação das estruturas genéticas e psicológicas com os estímulos externos. O desenvolvimento emocional é modificado pela relação com o objeto de vinculação, pela maturação biopsicológica do primeiro ano de vida, e pelo mundo social e consequentemente pelos processos de socialização nos quais se inclui a expressividade emocional (Denham, 1998; Machado, 2012).

A expressividade emocional na família parece refletir os padrões de comunicação do indivíduo relativamente ao modo como expressa as suas emoções dentro do contexto familiar, sendo que vem sido associada ao desenvolvimento precoce das crianças e à qualidade da relação conjugal (Halberstadt & Eaton, 2002; Kolak & Volling, 2007).

Esta investigação tem como principal objetivo estudar a expressividade emocional na família, positiva e negativa, e o modo como esta se relaciona com a satisfação conjugal, uma vez que investigações anteriores demonstraram que a expressividade e comunicação emocional dos pais, bem como a qualidade das relações de vinculação (Denham, 2007), são relevantes para o desenvolvimento e manutenção de uma relação familiar positiva e saudável (Gottman & Levenson, 1999; Kolak & Volling, 2007).

Estudos empíricos demonstram, ainda, a relevância do estudo da expressividade emocional, uma vez que os estilos de expressividade do sujeito na adultez são um reflexo da expressividade emocional presente na

sua família durante a infância (Burrowes & Halberstadt, 1987; Denham & Grout, 1992; Halberstadt, Crisp & Eaton, 1999; Wong, 2009).

De acordo com a primeira hipótese postulada nesta investigação, foi analisada a relação entre a expressividade emocional positiva na família e as dimensões Amor e Funcionamento do Casal da EASAVC, esperando que apresentasse uma relação positiva e estatisticamente significativa. Consistente com o esperado, observamos que existe uma relação positiva forte, isto é, que famílias com maiores níveis de expressividade emocional positiva no seio familiar reportam maiores níveis de satisfação conjugal.

Esta relação pode ser explicada pelo facto de a expressividade emocional positiva se apresentar como uma influência positiva e significativa na construção de uma coparentalidade baseada na compreensão, na resolução de conflitos levando a diminuir os efeitos da expressividade emocional negativa específica (Halberstadt, 1995; Kolak & Volling, 2007) . Uma vez que a amostra do estudo é maioritariamente feminina, pode-se atestar na literatura que as mulheres são, geralmente, mais expressivas relativamente às suas emoções dentro do seio familiar e que contribuem para a estabilidade da relação marital, enquanto os homens dão um sentido de segurança aos elementos da família, prevenindo conflitos (Gottman & Levenson, 1999).

Investigações empíricas explicam que os níveis de expressividade emocional positiva das mulheres estão associados a uma maior satisfação conjugal, adoptando comportamentos e interações mais positivas, como a aceitação e a empatia, com os restantes elementos da família (Halberstadt, 1995; Rauer & Volling, 2005).

A hipótese seguinte refere-se à expressividade emocional negativa na família, esperando que esta se relacionasse negativamente com as dimensões da satisfação conjugal. Indo ao encontro da nossa hipótese, este estudo demonstra que a expressividade emocional negativa na família se encontra ligada a uma menor satisfação conjugal, quer na dimensão Amor quer na dimensão relativa ao Funcionamento do Casal, podendo afirmar que a maiores níveis de expressividade emocional negativa presente no contexto familiar estarão associados menores níveis de satisfação marital.

Esta relação está descrita em diferentes estudos empíricos, demonstrando que emoções negativas como a culpa, o criticismo, coação e raiva (Halberstadt et. al, 1995; Rauer & Volling, 2005) têm efeitos negativos a longo prazo na qualidade da relação conjugal e, portanto, na satisfação com a mesma. A literatura ressalva a importância da expressividade emocional negativa no funcionamento do casal, isto é, postula que esta tem um maior impacto no casal do que a expressividade emocional positiva uma vez que os elementos do casal a associam ao funcionamento da relação (Wong, McElwain, & Halberstadt, 2009).

A clarificação da relação entre a satisfação com a vida e a expressividade emocional e com a satisfação conjugal é, também uma das hipóteses deste estudo, sendo que hipotetizamos que esta se correlacione positivamente com todas as dimensões em estudo, excetuando com a expressividade emocional negativa, que se espera que seja negativa.

Consistente com o esperado, a satisfação com a vida desta amostra parece ter impacto no modo como os participantes percebem a sua satisfação com a sua relação marital. Esta relação pode ser explicada uma vez que a relação conjugal é central no funcionamento da família, sendo aí que os diferentes elementos interagem e se descobrem, moldando-se e construindo a visão de si e do mundo e portanto, que uma maior expressão de emoções positivas se correlacione com uma percepção de bom ajustamento e satisfação com a vida (Diener et. al, 1985).

Os resultados apontam, ainda, que a satisfação com a vida apresenta uma direção negativa com a expressividade emocional negativa na família, isto é, que ambientes familiares com maiores níveis de expressão de emoções negativas podem ter impacto na percepção individual dos indivíduos relativamente à sua satisfação com a vida no geral. Como referido, a expressividade emocional negativa apresenta-se como central para a percepção da satisfação dos sujeitos.

De forma a evitar o enviesamento de respostas, uma vez que o protocolo de investigação é composto por medidas de autorrelato em que os sujeitos estão a avaliar os seus próprios traços, atitudes, comportamentos e a dar informação muito específica sobre o seu modo de ser e estar dentro do seu seio familiar, propusemo-nos a avaliar quanto da desejabilidade social estaria presente nas diferentes dimensões, postulando que esta não apresentaria valores estatisticamente significativos com nenhuma das variáveis em estudo. Congruente com o esperado, a desejabilidade social dos participantes não tem peso nas outras medidas aplicadas e avaliadas, isto é os sujeitos responderam com veracidade às questões apresentadas e não tentaram ludibriar a sua imagem (Oliveira, 2013).

Por último, pretendia-se verificar se existem diferenças estatisticamente significativas entre os níveis de expressividade emocional das famílias da comunidade e os participantes que beneficiam do apoio do Serviço Nacional de Intervenção Precoce na Infância. Uma vez que esta amostra não é estatisticamente significativa, não apresentando uma distribuição normal, esta hipótese não foi de encontro ao esperado.

Este estudo apresenta-se como um pequeno passo para a compreensão da expressividade emocional da família e o seu impacto na satisfação conjugal de forma a possibilitar novas investigações sobre o seu impacto no desenvolvimento das crianças, uma vez que a expressividade emocional do adulto é resultado dos estilos de expressividade que estiveram presentes na sua família, bem como a compreensão das emoções e as competências sócio-emocionais (Halberstadt et. al., 1999; Wong, 2009).

Crianças de famílias caracterizadas por uma maior expressividade emocional positivamente expressam mais sentimentos de afeto e calor e um comportamento pró-social, ao passo que crianças de famílias que expressam maioritariamente emoções negativas apresentam maiores dificuldades na regulação e identificação de emoções, maiores dificuldades na interação com os seus pares e, por vezes, maiores níveis de agressividade (Halberstadt et. al, 1999; Wong, 2009). Deve-se, no entanto, ter em atenção que nem só o tipo de afeto predominante na família é relevante, mas a sua frequência da

exposição (Boyum & Parke, 1995), tendo em conta que esta tem impacto para além do contexto familiar, mas que atravessa todos os contextos e situações em que a criança necessita de descodificar emoções e responder de modo adaptativo (Halberstadt, 1995).

Limitações e implicações

Como principais limitações deste estudo encontra-se o número limitado de participantes, principalmente os que têm apoio do SNIPI, uma vez que esta amostra não é representativa da população e deste modo não é possível estudar as possíveis diferenças entre os participantes. A dificuldade em conseguir participantes do sexo masculino foi, também, uma questão que acabou por influenciar o curso da investigação. Como maior obstáculo, surgiu também a dificuldade de os participantes aceitarem responder ao protocolo de investigação, uma vez que diziam não se sentir à-vontade com as questões da EASAVC, nomeadamente com as questões que diziam respeito à satisfação sexual com o seu parceiro.

Tendo em conta este estudo e a revisão literária, parece pertinente que se avalie a relação da expressividade emocional com as dimensões da personalidade, tentando perceber se esta é de algum modo uma variável preditora. Seria, também, relevante que se estudasse de que modo a expressividade influencia o desenvolvimento da criança, percebendo se é a codificação da expressividade emocional não-verbal ou a expressão verbal das emoções que tem maior impacto na regulação emocional.

VI – Conclusão

A socialização das emoções e, especificamente, da expressividade emocional na família tem um importante impacto no desenvolvimento e bem-estar emocional das crianças (Halberstadt, 1999; 2009). No entanto, ainda pouco se sabe sobre os fatores que contribuem para as diferenças individuais e o modo como os estilos de expressividade emocional se desenvolvem. Este estudo vem avaliar a relação da satisfação conjugal na expressividade emocional na família com o objetivo de clarificar de que modo os estilos parentais afetam o desenvolvimento da criança e moldam as suas competências e experiências sociais.

Este estudo avalia a expressividade emocional na família e a satisfação conjugal de famílias da comunidade e famílias acompanhadas pelo SNIPI, ainda que não tenham sido detectado diferenças estatisticamente significativas.

Para finalizar, este trabalho contribui para um maior conhecimento sobre os processos de socialização das emoções dentro dos contextos familiares, ressaltando a importância dos estilos de expressividade emocional na família. Conclui-se então que o modo como os sujeitos se expressam emocionalmente, de forma verbal ou não-verbal, influencia a forma como os diferentes elementos da família se relacionam e organizam as suas experiências emocionais pessoais e sociais.

Bibliografia

- Albuquerque, P. A. B. D. A. (2013). Adaptação, Validação e Aferição do EPQ-R para a População Portuguesa: Estudos nos Contextos Clínico, Forense e na Comunidade.
- Almiro, P. A., & Simões, M. R. (2010). Questionário de Personalidade de Eysenck–Forma Revista (EPQ-R): Breve revisão dos estudos de validade concorrente. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 42, 101-120.
- Boyum, L. A., & Parke, R. D. (1995). The role of family emotional expressiveness in the development of children's social competence. *Journal of Marriage and the Family*, 593-608.
- Burrowes, B. D., & Halberstadt, A. G. (1987). Self-and family-expressiveness styles in the experience and expression of anger. *Journal of Nonverbal Behavior*, 11(4), 254-268.
- Clark, T. R., & Phares, V. (2004). Feelings in the family: Interparental conflict, anger, and expressiveness in families with older adolescents. *The Family Journal*, 12(2), 129-138.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Denham, S. A. (1998). *Emotional development in young children*. New York: Guilford Press.
- Denham, S. A. (2007). Dealing with feelings: How children negotiate the worlds of emotions and social relationships. *Cognition, Brain, Behaviour*, 11 (1), 1-48.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Dinis, A., Gouveia, J. P. & Xavier, A. (2011). Estudo das características psicométricas da versão portuguesa da escala de expressividade emocional. *Psychologica, Avaliação psicológica em contexto clínico*.54, 111-138.
- Dunsmore, J. C., & Halberstadt, A. G. (1997). How does family emotional expressiveness affect children's schemas? In K. C. Barrett (Ed.) *New Directions in Child Development, The communication of emotion: Current research from diverse perspectives*, 77, 45-68.
- Dunsmore, J. C., Halberstadt, A. G., Eaton, K. L., & Robinson, M. L. (2005). Mothers' typical and event-specific positive expressions influence children's memory for events. *Social Development*, 14, 339-360.
- Eaton, K. L. (2001). *Family Expressiveness and Emotion Understanding: A Meta-Analysis of One Aspect of Parental Emotion Socialization* (Doctoral dissertation, North Carolina State University).
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological inquiry*, 9(4), 241-273.
- Eisenberg, N., Valiente, C., Morris, A. S., Fabes, R. A., Cumberland, A., Reiser, M., & Losoya, S. (2003). Longitudinal relations among parental emotional expressivity, children's regulation, and quality of socioemotional functioning. *Developmental psychology*, 39 (1), 3.
- Keltner, D., & Gross, J. J. (1999). Functional accounts of emotions. *Cognition & Emotion*, 13(5), 467-480.
- Gross, J. J., & John, O. P. (1995). Facets of emotional expressivity: Three self-

- report factors and their correlates. *Personality and individual differences*, 19(4), 555-568.
- Gross, J. J., & Levenson, R. W. (1997). Hiding feelings: the acute effects of inhibiting negative and positive emotion. *Journal of abnormal psychology*, 106 (1), 95.
- Gross, J. J., John, O. P., & Richards, J. M. (2000). The dissociation of emotion expression from emotion experience: A personality perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(6), 712-726.
- Gross, J. J. (2002). Emotion regulation: Affective, cognitive, and social consequences. *Psychophysiology*, 39(3), 281-291.
- Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (1999). What predicts change in marital interaction over time? A study of alternative models. *Family Process*, 38(2), 143-158.
- Halberstadt, A. G. (1991). Maternal Expressiveness & Emotionality: Socialization of Children's Expressiveness.
- Halberstadt, A. G., Fox, N. A., & Jones, N. A. (1993). Do expressive mothers have expressive children? The role of socialization in children's affect expression. *Social Development*, 2, 48-65.
- Halberstadt, A. G., Cassidy, J., Stifter, C. A., Parke, R. D., & Fox, N. A. (1995). Self-expressiveness within the family context: Psychometric support for a new measure. *Psychological assessment*, 7(1), 93.
- Halberstadt, A. G. (1998) Of Models and Mechanisms, *Psychological Inquiry: An International Journal for the Advancement of Psychological Theory*, 9:4, 290-294, DOI: 10.1207/s15327965pli0904_9
- Halberstadt, A. G., Denham, S. A., & Dunsmore, J. C. (2001). Affective social competence. *Social development*, 10(1), 79-119.
- Halberstadt, A. G & Eaton, K. L, (2002) A Meta-Analysis of Family Expressiveness and Children's Emotion Expressiveness and Understanding, *Marriage & Family Review*, 34:1-2, 35-62, DOI: 10.1300/J002v34n01_03
- Halberstadt, A. G., & Parker, A. E. (2007). Function, structure, and process as independent dimensions in research on emotion. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 14(4), 402-406.
- Kolak, A. M., & Volling, B. L. (2007). Parental Expressiveness as a Moderator of Coparenting and Marital Relationship Quality*. *Family Relations*, 56(5), 467-478.
- Levenson, R. W. (2003). Autonomic specificity and emotion. *Handbook of affective sciences*, 2, 212-224.
- Lopes, S. M. P. D. C. (2008). Influências familiares na conjugalidade: o clima relacional na família de origem, a satisfação conjugal e a proximidade conjugal.
- Machado, A. P. D. O. M. (2012). O conhecimento emocional e o desenvolvimento socio-emocional em crianças de idade pré-escolar.
- Narciso, I., & Costa, M. E. (2001). Percursos de Mudança na qualidade conjugal: fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 181 – 195.
- Narciso, I. & Costa, M. E. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115 – 130.

- Oliveira, J. F. A. D. (2013). Estudos de validação da Escala de Desejabilidade Social-DESCA.
- Palmeira, L., Gouveia, J. P., Dinis, A., Lourenço, S., & Veloso, M. (2010). O efeito mediador da regulação emocional na relação entre a expressividade emocional da família de origem e as reacções maternas à expressão de emoções positivas das crianças. *Psychologica*, (52-II), 423-447.
- Palmeira, L., Gouveia, J. P., Dinis, A., & Lourenço, S. (2011). O papel dos esquemas emocionais na transgeracionalidade do processo de socialização das emoções negativas. *Psychologica*, (54), p-439.
- Pestana, M. H.; Gageiro, J.N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Rauer, A. J., & Volling, B. L. (2005). The role of husbands' and wives' emotional expressivity in the marital relationship. *Sex roles*, 52(9-10), 577-587.
- Silva, C. L. G. D. (2008). Caminhando entre passos tradicionais e modernos: um olhar sobre a satisfação conjugal.
- Stevens, S. (2005). *The Intergenerational Effects of Family Expressiveness On Marital Communication and Conflict Behaviors* (Doctoral dissertation).
- Wong, M. S., McElwain, N., & Halberstadt, A. G. (2009). Parent, family, and child characteristics as predictors of mother- and father-reported emotion socialization practices. *Journal of Family Psychology*.